

O recreio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: manifestações musicais de crianças de seis anos em Curitiba

Comunicação

Rosenei Laurentino de Albuquerque
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
rosenei70@gmail.com

Tiago Madalozzo
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
tiago.madalozzo@unespar.edu.br

Resumo: Neste trabalho investiga-se as manifestações musicais das crianças na escola, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Curitiba-PR. O objetivo é verificar de que modo as crianças produzem expressões musicais com foco no momento do intervalo entre aulas, no recreio, considerando as manifestações criativas das crianças a partir de seus conhecimentos do contexto familiar e das aulas de Arte na escola. Buscando desenvolver um olhar investigativo que dê conta do protagonismo infantil em suas próprias produções musicais, a pesquisa parte de estudos de trabalhos de Romanelli (2009), André (2012), Ferreira (2004), Marchi (2018) e Scarpellini (2013), cobrindo temas que vão desde a etnografia de cunho escolar até aquela aplicada a casos de estudo da música na infância. A partir dos dados de observação levantados junto a idas a campo durante onze semanas em uma unidade escolar da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, descreve-se diferentes episódios cujos temas principais são depois comentados à luz da teoria. Ao final, discute-se questões relacionadas à criatividade e à musicalidade infantis, além de aspectos da pesquisa etnográfica em si, colocando-se as crianças como atores principais de suas próprias interações sociais e musicais, e verificando o quanto estas interações são finalmente responsáveis por situações de ensino-aprendizagem de música. Conclui-se que o recreio é importante no desenvolvimento da musicalidade e da criatividade das crianças na escola, sendo importante a construção de um olhar da comunidade escolar para este momento.

Palavras-chave: Educação musical. Ensino Fundamental. Musicalidade.

Introdução

O tema deste trabalho é o estudo das manifestações musicais das crianças que frequentam a escola de Ensino Fundamental em Curitiba-PR. O estudo foi realizado a partir

de uma pesquisa etnográfica feita por meio da observação das expressões musicais de crianças de seis anos de idade, no ano de 2019, em uma unidade escolar da Rede Municipal de Ensino¹.

Parte-se da hipótese de que a criatividade das crianças é influenciada positivamente pelas brincadeiras musicais que elas executam no recreio – ou seja, para além do ensino formal realizado em sala de aula pelos professores, há também um ensino informal, que ocorre no intervalo enquanto as crianças brincam. Por isso mesmo, considera-se fundamental que o foco investigativo seja capaz de registrar a liberdade da brincadeira das crianças, a partir de sua observação no ambiente escolar. Entende-se que esta abordagem se diferencia de modelos tradicionais de observação das crianças, em que se utilizava experimentos pré-formatados na ida a campo. Nesta pesquisa, pelo contrário, observa-se o comportamento das crianças nos intervalos de aula, buscando fortalecer a construção de um olhar etnográfico educacional.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: uma seção com referencial teórico da Rede Municipal de Ensino e a etnografia de caráter escolar como metodologia. A seguir é relatado o estudo de caso de manifestações musicais das crianças, sendo a ferramenta de coleta de dados a observação participante. Finalmente é feita a discussão com todos os dados obtidos na revisão teórica e no estudo empírico. Ao final, aponta-se implicações para a pesquisa na área da educação musical.

Referencial

Na Rede Municipal de Curitiba, a disciplina de Arte engloba as linguagens de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, que são trabalhadas juntas, sendo que cada linguagem mantém a sua autonomia (CURITIBA, 2016). No currículo do Ensino Fundamental registra-se que a arte e suas obras devem ser estudadas em distintos elementos, sendo que o objeto de

¹ Este trabalho está vinculado à pesquisa do professor Tiago Madalozzo, do curso de Licenciatura em Música da Unespar/Curitiba II, e elaborado a partir da pesquisa de iniciação científica da discente Rosenei Laurentino de Albuquerque, no período de agosto de 2019 a agosto de 2020, no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Unespar.

estudo “da música é a própria música com as marcas da cultura, dos seus diferentes tempos e espaços e da sua identidade social” (CURITIBA, 2016, p 246).

Neste currículo registra-se também que é preciso abrir um leque de saberes de tempos e estilos diferentes, englobando a arte erudita, as manifestações populares e a arte da mídia, fazendo com que o estudante interaja (e com isso aprenda a respeitar) as diversidades étnico-raciais, de gênero e geracionais. Através da produção artística, da apreciação e da experimentação, o aluno terá ampliado seu conhecimento nos diversos divises da arte (CURITIBA, 2016, p. 366, 367).

Dentro dos estudos específicos sobre a música e a infância, Guilherme Romanelli (2009) realizou uma pesquisa etnográfica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para entender a relação da criança com a música no ambiente escolar. O autor usou a etnografia como instrumento de pesquisa, e os resultados da investigação foram apresentados através de uma análise de material registrada por meio de observação participante. Sobre isso, André (2012) destaca que o observador sempre tem um grau de interação com a situação estudada, e assim desenvolve influência sobre esta e, por outro lado, é influenciado por ela. Por este método de observação procura-se entender a cultura numa visão antropológica, de forma a envolver práticas como pesquisa de campo, entrevista, análise de documentos, fotografias e gravações. Busca-se uma descrição e compreensão da situação e faz-se tornar visível seus significados, onde o leitor decidirá se as interpretações são ou não generalizáveis, se baseando na sustentação teórica e de razoabilidade.

Em seu estudo, Romanelli utilizou-se de análise, organização, registros de campo e referência teórica, estabelecendo três categorias para análise dos dados encontrados: “Expressões Musicais Individuais” (a- Vinhetas musicais: sons, melodias e ritmos; b- Percepção do universo sonoro), “Expressões Musicais Coletivas” (a-expressões musicais durante as aulas, b-expressões musicais durante jogos, c-diálogo musical, d-aprendizagem musical entre crianças) e “Relações com o mundo adulto” (a-música e mídia, b- reação dos adultos a música das crianças, c- reação diante de situações musicais proporcionadas pela escola) (ROMANELLI, 2009, p.129). Segundo o autor,

As mostras musicais foram encontradas em diferentes circunstâncias. Os alunos criavam sem ter a intenção de produzir os sons, na maioria das vezes ao manipular um objeto os alunos improvisavam os sons que por curiosidade repetiam. Havia vezes em que produziam um som que estava em sua mente e outras vezes os alunos produziam ações vindas de um estudo de sons (ROMANELLI, 2009, p. 100).

O autor percebeu que, apesar de não haver aulas de música na escola, a cultura musical da criança podia ser bem sofisticada, e isso devia ser levado em consideração quando da elaboração de um planejamento musical para oferecer a este público: dever-se-ia considerar o conhecimento da criança, suas vivências musicais antes de fechar um planejamento para o ensino. O autor verificou que havia profissionais atuantes nas escolas que não percebiam a música das crianças, o que chamou de “cegueira musical”, e demonstrou preocupação com este fato (ROMANELLI, 2009, p. 101).

Sobre este olhar para a infância na escola, o trabalho da pesquisadora portuguesa Manuela Ferreira (2004) concentrou-se em um campo de pesquisa pouco investigado, o das crianças de 3 a 6 anos no Jardim de Infância. A metodologia adotada colocava as crianças como atores principais, buscando-se observá-las em suas atividades cotidianas, perturbando-se o mínimo possível essas atividades. Para isso a observadora participou das atividades em papéis secundários, deixando o protagonismo e a iniciativa das ações para as crianças. Esse método é oposto àquele que era anteriormente utilizado na pesquisa com crianças, em que o pesquisador tomava a iniciativa das ações e dizia a elas o que tinham que fazer, quando deviam começar e terminar e em que lugar a atividade se daria (FERREIRA, 2004).

Em uma visão tradicional de pesquisa com crianças, estas eram vistas como pequenas, dependentes, amorais, aculturais, imaturas, incapazes, irracionais, sem iniciativa de ação, em suma, fenômenos sociais irrelevantes. Não se tratava diretamente com tais crianças, mas sim com os adultos que as representavam: pais ou professores. Na nova visão descrita por Ferreira, as crianças são vistas como seres totalmente competentes e dotados de emoções e com direito de se apresentarem como sujeitos do conhecimento. Por isso mesmo, os registros foram centrados na escuta e na observação das interações entre os observados (FERREIRA, 2004).

Outra autora a utilizar esta orientação da etnografia educacional em seus estudos foi Rita de Cassia Marchi, focando sua pesquisa em crianças de espaços educativos formais. Esta autora, assim como Ferreira, argumenta que, no modelo clássico, a pesquisa se fazia apenas com a maneira de “ver” do investigador, não levando em conta o outro (no caso, a criança). Apagava-se as vozes das interpretações do investigado, o que o excluía, trazendo dados comuns de cultura, não sendo realmente o estudo daquele grupo focado na pesquisa. Por outro lado, a pesquisa atual é reflexiva, dialógica, dando voz à criança, havendo uma relação entre o pesquisador e o pesquisado, formando uma verdadeira polifonia (MARCHI, 2018).

Marchi atenta sobre a dupla função de “dar voz” à criança, sendo a primeira no sentido de o pesquisador olhá-la como uma minoria, um grupo social menos representado na pesquisa, e a segunda, de dar voz participativa às crianças, ouvindo-as e entendendo seu modo de pensar e agir nas pesquisas onde elas são protagonistas. A criança tem várias formas de se expressar, tendo o observador de reconhecê-las para entendê-las. Deve haver um duplo elo, diz a autora, onde as crianças participam das atividades do observador, e este, das atividades das crianças; a criança é tratada como ator social de pleno direito, e a infância, como uma construção social (MARCHI, 2018).

Com um foco específico nas investigações com etnografia escolar e com música, a pesquisadora Maíra Scarpellini discorre sobre o recreio escolar, afirmando que as brincadeiras trazem “ricas experiências ao fazer musical”, em que as crianças se unem, trocando vivências: as crianças ensinam e aprendem as brincadeiras musicais em um processo contínuo, que se dá no passar dos anos escolares (SCARPELLINI, 2013, p. 129; 134).

Em suas entrevistas, Scarpellini pôde verificar que no recreio as brincadeiras eram ora preparadas, em que as crianças adotavam seus papéis como atores; criadas a seu modo, a partir de sua vivência ou com base em brincadeiras já existentes. As crianças improvisaram melodias, ritmos, dançaram, foram criativas e exploraram sons diferentes em suas brincadeiras (SCARPELLINI, 2013). Brincando, as crianças aprendem música, sua letra, melodia; também aprendem o gestual, as regras, e aumentam suas capacidades de coordenação motora. Scarpellini observou em seu trabalho uma melhora técnica conforme as

crianças se aperfeiçoavam em relação à coordenação das mãos com a melodia da música, andamento e ritmo, timbres e padrões rítmicos (SCARPELLINI, 2013).

Em síntese, nesta sessão apresentou-se as pesquisas de Romanelli, que encontrou expressões musicais em vários momentos da rotina escolar, e percebeu que a criança tem uma cultura musical sofisticada; sendo assim, para realizar um planejamento, os professores devem se atentar aos conhecimentos prévios destas crianças e suas vivências musicais. No trabalho de Ferreira, a autora teve uma verdadeira “participação observante”, não assumindo um papel de mentora nas ações das crianças, podendo ter uma visão mais natural destas ações. Já Marchi deu voz à criança e fez uma relação entre o pesquisador e o pesquisado, formando uma polifonia. Por fim, no estudo de Scarpellini, ficou evidente que o aprendizado musical entre as crianças é crescente, e que evolui conforme a assiduidade do brincar e do fazer musical no recreio escolar.

Todos estes pesquisadores perceberam a importância de lançar um olhar às crianças e seus hábitos, e de oferecer a elas um momento de brincadeira com seus pares para o desenvolvimento de suas habilidades.

Metodologia

Nesta pesquisa, investiga-se as maneiras como as crianças de seis anos de uma unidade escolar de Ensino Fundamental em Curitiba produzem música com seus pares no momento do recreio. A especificidade deste campo é devida ao fato de que o recreio é um momento privilegiado de troca de saberes no contexto da cultura de pares, em que a influência familiar, de seus professores e de seus colegas se vinculam e enriquecem sua cultura musical. A partir de um olhar de teorias dos Estudos da Criança, e por meio da imersão dos pesquisadores no campo observado², verificou-se ser viável a análise das manifestações musicais das crianças neste contexto.

² Os autores atuaram na unidade escolar, e com a turma em específico, durante a realização de atividades de estágio curricular obrigatório no segundo semestre letivo de 2019, como parte das atividades da disciplina de Estágio Supervisionado II do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Paraná - *campus* de Curitiba II.

As observações se fizeram em sala e no recreio escolar, durante 11 semanas, em coleta de dados semanal, cujos resultados foram anotados em um diário de campo. Foram observadas 25 crianças com 6 anos de idade.

A análise foi feita a partir da consideração de diferentes episódios musicais. Para Corsaro (1979), um episódio interativo é uma sequência de comportamento que se inicia com a presença de dois ou mais participantes observados, em que emerge uma atividade, e que finaliza com o movimento dos participantes para fora do local, resultando na terminação da atividade iniciada (MADALOZZO, 2019, p. 59). Nesta pesquisa, analisa-se diferentes episódios musicais interativos, no sentido de se descrever as ações musicais, verbais e gestuais das crianças em pequenos jogos e brincadeiras musicais.

O estudo de campo

Foram realizadas observações na escola durante o intervalo e as aulas de Arte da turma. Seguem os relatos dos episódios musicais interativos.

Em um dia, no recreio, se vê um jogo de mãos em que as meninas cantam: “Ana banana, faz xixi na cama, por vinte e quatro horas, split!”. Quando dizem “split”, afastam as pernas em direção ao chão. Na repetição, afastam mais um pouco, e fazem isso até não conseguirem mais afastar as pernas. Em seguida, uma professora se junta à brincadeira. Na sala de aula, as meninas brincam durante uma atividade, e um professor estagiário pede que repitam a brincadeira para todos verem. As meninas fazem, e o professor pergunta que outras crianças já conheciam a brincadeira. Em duplas, as crianças fazem este jogo de mãos e ensinam a quem tem interesse em aprender. Em uma dupla, as meninas acrescentam ao final “mexe-remexe”, rebolam e fazem a abertura de pernas, até recomeçar. Outra dupla incorpora a palavra “pikachu” (personagem da franquia do Pokémon da Nintendo) usando a brincadeira “pedra, papel e tesoura”.

Em um segundo episódio, uma criança faz o jogo de mãos e pernas cantando “Maria Helena foi no curso de beleza, e o que ela fez? Doli doli, doli doli dolá (jogo de mãos), quem ficar de perna aberta tem que rebolar, doli dolá” (jogo de pernas)”. No jogo de mãos elas

batem palmas e mãos com o par na brincadeira, e no jogo de pernas, cruzam suas pernas, e quem para de perna aberta tem que rebolar.

Em uma terceira situação, crianças brincam de pular corda, e durante a brincadeira uma menina fala os versos: “Senhoras e senhores, põe a mão no chão, senhoras e senhores, pule num pé só, senhoras e senhores, dê uma rodadinha e vá pro olho da rua. Fogo foguinho fogão, Branca de Neve quer saber...”, mas para aí, pois as crianças erram ao pular a corda, e a menina não continua a frase.

Em sala, em algumas ocasiões, observa-se alunos fazendo percussão com as mãos. Em outras situações, em atividade de relaxamento rotineiro no início das aulas, as crianças cantarolam outra música que não aquela tocada no momento de relaxamento, brincam com algum objeto fazendo sons como de um avião (“Vuuuuu”).

Além da sala de aula, onde se fazem as atividades teóricas, a escola possui a Sala de Artes, um espaço maior e com mais materiais para as aulas. No trajeto para a Sala observa-se sempre uma brincadeira musical entre as crianças, ou mesmo, cada criança faz uma brincadeira ou cantarola uma música relacionada à atividade da aula de Arte.

Em certa ocasião, quando a professora apresenta a história dos “Três Porquinhos” com a música “Quem tem medo do lobo mau”, um menino acompanha a música com um boneco de garrafa pet que fizeram em outra aula; mesmo tendo sido chamada a sua atenção, ele continua e um colega o acompanha. O colega faz percussão com outra garrafa pet ao ritmo da música do vídeo exibido pela professora. Depois, no caminho para a sala de Arte, o primeiro menino canta no trajeto, “Quem *não* tem medo do lobo mau, levante a mão”. Alguns colegas respondem que não têm medo, seguindo para a sala.

Na sala de Artes as mesas têm quatro cadeiras, de modo que as crianças brincam entre elas com mais frequência. No intervalo entre as atividades elas brincam de “Pedra-papel-tesoura”, cantarolam, fazem aviõezinhos com lápis sonorizando “Zummm” e também imitam cenas de teatro com objetos da sala.

Em um último episódio, enquanto a professora conta uma história, uma criança pega brinquedos da prateleira e percute esses objetos na carteira. Depois, com um bicho de pelúcia, faz uma história em paralelo à da professora, como se competisse com ela.

Em todas as situações, as crianças estão em atividade, seja uma brincadeira musical ou não, uma história ou outra ação, onde se pode observar fluir a criatividade e também a musicalidade que é própria da idade.

Discussão

A partir da análise dos diferentes autores citados neste artigo, é possível afirmar que no ambiente escolar as crianças aprendem e ensinam o tempo todo, trocando experiências e enriquecendo seu conhecimento e capacidade de produzir arte. Sua cultura passa pela influência do ambiente, da cultura local, da mídia, de familiares e tudo que for relacionado a ela. Fica claro que a interação é maior no recreio, já que as crianças estão livres para agir e brincar e fazem isso de forma espontânea. Em sala, a interação também ocorre, mas é menos espontânea, já que o ambiente é constantemente monitorado pela professora. A espontaneidade em sala é dependente da liberdade que a professora dá às crianças e isso obviamente varia de professora para professora.

As brincadeiras musicais estão presentes na vida da criança e têm sido passadas há muito tempo como uma herança cultural, que junto a novas brincadeiras vão inovando e enriquecendo a cultura musical infantil. Cabe mencionar que a música na escola acontece de maneira natural nos intervalos de aula, e ocorre por meio dos jogos e brincadeiras musicais, em que as crianças trocam saberes, socializam, lidam com situações de conflito, de readaptação a novas situações, exercem a liderança e a melhor convivência.

A Rede Municipal de Ensino de Curitiba tem em seu currículo o ensino de todas as artes, cada qual mantendo a sua individualidade, e ao mesmo tempo formando uma interação, articulando saberes (CURITIBA, 2016). O que falta na concepção do currículo é o olhar para as atividades do recreio, que poderiam ser utilizadas como norteadores dessa concepção. De forma similar, o currículo também poderia sugerir ou estimular atividades para o recreio das crianças.

Como fez Romanelli (2009), buscou-se responder à pergunta “O que ocorre musicalmente na escola?”. Foi possível inferir que o “fazer musical” nas escolas é complexo,

pois se dá por meio da interação entre as crianças, sendo que cada uma traz preferências e conhecimentos musicais de casa, além do conteúdo que aprende na disciplina de Arte. Também em paridade com Ferreira (2004), nesta pesquisa colocou-se as crianças como atores principais, buscando observá-las em suas atividades cotidianas.

Procurou-se seguir as recomendações de Marchi (2018) nas observações, dando voz participativa às crianças (incluindo o registro de suas expressões corporais, para além do cantar), buscando entender seu modo de pensar e agir. Buscou-se, portanto, compreender o comportamento musical das crianças bem como do mundo em que elas estão inseridas e, para isso, o incentivo que a escola dá às práticas musicais e os recursos que coloca à disposição das crianças são fundamentais, porque estimulam seu desenvolvimento musical.

Como citado por Scarpellini (2013), também ficou claro que as crianças aprendem e ensinam através das brincadeiras, e que estas geralmente são acompanhadas por cantigas, sendo o recreio escolar um momento ideal para que isso aconteça. Dessa forma, além do ensino formal, em sala de aula, há esse outro ensino, que ocorre sob a forma de brincadeira, e que é complementar ao formal. Argumenta-se que esses dois ensinamentos estão um pouco dissociados no momento presente e que seria interessante aumentar a influência que um exerce sobre o outro.

A música está presente na vida das crianças, nos ambientes escolar e familiar, e é expressada de diferentes formas, havendo influência de todos com os quais elas convivem.

Considerações finais

A observação das brincadeiras musicais das crianças foi realizada no recreio, onde se verificou o conhecimento musical sendo produzido, mostrando-se que uma criança aprende a cantiga com a outra, e as regras das brincadeiras são criadas e alteradas dinamicamente conforme a atividade progride, a partir de regras mais simples que as crianças já conhecem. O conhecimento inicial é muitas vezes trazido de casa, aprendido com os pais ou parentes mais próximos, mas é trabalhado com os colegas da escola.

As brincadeiras musicais mais observadas no recreio foram bater palmas, sons da boca, estalar de dedos, percussão com objetos, melodia cantada e improvisações.

A forma de observação escolhida está alinhada com as pesquisas mais recentes em etnografia escolar, que sugerem dar liberdade para as crianças brincarem conseguindo-se, desta forma, uma observação do comportamento natural das crianças. Acredita-se ter alcançado esse objetivo, uma vez que não foram interrompidas as suas brincadeiras, nem mediados os seus conflitos, e as crianças tiveram liberdade para propor as atividades e para conduzi-las da forma como quiseram. Se as atividades do recreio tivessem sido fortemente guiadas, suas características principais, que são a espontaneidade e a naturalidade, teriam sido perdidas – mesmo sendo justamente o que se pretendia observar.

Ficou evidente a importância do recreio no desenvolvimento da musicalidade e da criatividade das crianças. Entende-se que professores e pesquisadores devem ter um olhar para as atividades do recreio escolar, oferecendo condições para que haja o desenvolvimento de brincadeiras em geral, incluindo-se as musicais.

Como já apontado, o aprendizado informal que ocorre no recreio é complementar ao formal, que ocorre em sala de aula. Portanto, é importante estimular aquele aprendizado informal, como também é importante correlacionar os dois aprendizados, de forma que um realimente o outro. Em sala, a professora poderia sugerir brincadeiras para os alunos executarem com o objetivo de expandir aquilo que foi ensinado, e também como forma dos alunos se apropriarem daquilo que foi ensinado. Por outro lado, a professora poderia observar as brincadeiras que são realizadas no recreio para adaptar a suas aulas ao contexto que é familiar às crianças. Tal adaptação estimularia o aprendizado, pois aproximaria o conteúdo àquilo que é familiar às crianças, possivelmente quebrando qualquer resistência ao aprendizado.

Espera-se, com os resultados deste trabalho, motivar escolas a lançarem um olhar para as manifestações das crianças, e visualizarem o seu importante papel em fornecer alguma infraestrutura como espaços para fazer música e brincadeiras musicais, de forma a ampliar o estímulo à criatividade das crianças.

Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. 18.ed. Campinas: Papyrus, 2012.

CORSARO, William A. Young Children's Conception of Status and Role. *Sociology of Education*, v.52, n.1, p.46-59, jan. 1979.

CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. *Currículo do Ensino Fundamental do 1º. ao 9º. ano: Vol II – Área Linguagens*. Curitiba: SME/DEF, 2016.

FERREIRA, Maria Manuela M. “A gente gosta é de brincar com os outros meninos!” Porto: Afrontamento, 2004.

MADALOZZO, Tiago. *A prática criativa e a autonomia musical infantil: sentidos musicais e sociais do envolvimento de crianças de cinco anos de idade em atividades de musicalização*. 152 f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

MARCHI, Rita de C. Pesquisa etnográfica com crianças: participação, voz e ética. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.43, n.2, p.727-746, abr./jun. 2018.

ROMANELLI, Guilherme G. B. A música que soa nas escolas: contribuições de um estudo etnográfico. *Música em Perspectiva*, Curitiba, v.2, n.2, out 2009, p.78-104.

SCARPELLINI, Maíra A. *As crianças em suas relações com a música no recreio escolar*. 200f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes. Uberlândia, 2013.